

REVOLTAS E EVENTOS EXTREMOS NA INGLATERRA DO SÉCULO XIV: UMA ANÁLISE A PARTIR DA GESTA ABBATUM MONASTERII SANCTI ALBANI

Palavras-Chave: REVOLTAS, EVENTOS EXTREMOS, INGLATERRA

Autores(as):

MANUELLA CATTO BARROS, IFCH – UNICAMP

Prof.ª. Dr.ª. NÉRI DE BARROS ALMEIDA, IFCH - UNICAMP

Prof. Dr. VINICIUS MARINO CARVALHO, IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A historiografia sobre a Inglaterra do século XIV tende a associar o aumento de episódios de violência e desordem na sociedade à ocorrência de eventos como a Grande Fome de 1315-17, a Grande Peste de 1348-49 e 1361-62 e a Guerra dos Cem Anos (1337-1453). Durante este século, a cidade de St Albans, na Inglaterra, foi palco de conflitos entre a população local e a abadia que detinha os poderes senhoriais sobre a região. Grande parte destas disputas estava relacionada à questão da moagem de grãos, pois a obrigatoriedade do uso do moinho do senhor demandava o pagamento de tributos adicionais. Esta imposição foi uma de muitas contra as quais as pessoas comuns se rebelaram, tanto em St Albans quanto em outras regiões da Inglaterra, no evento que ficou conhecido pela historiografia como a Revolta Camponesa de 1381. Estes eventos foram registrados na *Gesta Abbatum Monasterii Sancti Albani* (GAMSA, em futuras citações), coleção de manuscritos compilados pelos monges da abadia beneditina de St Albans.

Ao narrar estes acontecimentos, seus autores oferecem também explicações que relacionam as revoltas a outros fatores, como à instabilidade política ocasionada pela guerra civil e à má conduta da população. A presente pesquisa propôs-se a analisar a GAMSA enquanto um registro produzido pela abadia, ou seja, pelos senhores nesta relação de vassalagem, a fim de compreender as percepções presentes na fonte acerca dos motivos que levaram à revolta da população local.

METODOLOGIA:

A fonte primária analisada neste projeto foi a GAMSA. Embora existam manuscritos diversos da obra, a edição utilizada foi aquela publicada em 2019, *The Deeds of the Abbots of St Albans*, em língua

inglesa (CLARK, 2019). Esta, por sua vez, é uma tradução dos manuscritos publicados em latim durante a segunda metade do século XIX (RILEY, 1867). Embora a fonte compreenda vários séculos, o recorte temporal adotado na pesquisa foi o século XIV. Esta escolha justifica-se pela ocorrência, durante este período, de crises como a Grande Fome de 1315-17, a Grande Peste de 1348-49 e 1361-62, a Guerra dos Cem Anos (1337-1453) e a Revolta Camponesa de 1381. Desta forma, respeitando-se a divisão original da fonte por abades, analisou-se a GAMSА a partir dos registros sobre o abade João de Berkhamsted (1291-1302) até Thomas de la Mare (1349-1396).

Partindo da leitura da edição em inglês, buscou-se identificar os episódios de conflito entre o mosteiro e a população local, assim como menções a eventos extremos, que nesta pesquisa entendeu-se por casos de fome, peste, desastres naturais e fenômenos de natureza espiritual, como milagres ou punições divinas. Os excertos selecionados foram organizados em fichas, com a utilização da edição latina para conferência dos termos empregados no idioma original da fonte. Em confronto com bibliografias relevantes ao tema, foi realizada uma avaliação crítica para verificar o que os autores do documento relacionaram ou não às revoltas da população local, levando em conta as categorias estruturantes do discurso e análise semântica dos termos e técnicas envolvidas em sua construção, como o gênero narrativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Para analisar a GAMSА, buscou-se primeiramente entender seu formato: o gênero *gesta*. Como sugere o nome em latim, esta é uma narração de “feitos” — no caso do documento estudado, os feitos dos abades do Mosteiro de St Albans. Este gênero literário foi um dos mais utilizados pelos mosteiros medievais, assim como os anais e as crônicas (VANDERPUTTEN, 2001, p. 143). Os manuscritos que compõem a GAMSА foram produzidos por diversos autores e compiladores, muitos deles desconhecidos, embora dois sejam identificados na obra: os cronistas Matthew Paris e Thomas Walsingham. Este último foi o responsável por boa parte dos registros que tratam sobre o século XIV, sendo identificado na GAMSА como o autor dos escritos referentes aos períodos de administração de Hugo de Eversden (1308-1327), Ricardo de Wallingford (1327-1335), Miguel de Mentmore (1335-1349) e, por fim, Thomas de la Mare (1349-1396), abade que presenciou as revoltas camponesas do ano de 1381.

Embora estimado que seus manuscritos iniciais sejam posteriores à invasão normanda, no século XI, os autores da GAMSА narram desde a fundação do mosteiro, no século VIII, sob o abade Willegod, até a morte do abade Thomas de la Mare, em 1396. O documento é dividido em capítulos que correspondem aos períodos de administração de cada abade e geralmente se iniciam com um detalhamento de sua eleição e legitimação na Cúria Romana, seguindo-se uma narração de seus principais feitos e terminando com um balanço de seus méritos e deméritos (CLARK, 2019, p. 14).

Neste sentido, é possível pensar nos interesses e usos políticos das *gestae*. Ao apresentar uma ordem contínua e ininterrupta de abades, elas servem para legitimar a sucessão do poder na abadia (VANDERPUTTEN, 2001, p. 153). Estes documentos também funcionam como forma de construir e preservar uma memória coletiva do grupo, sendo eles mesmos produzidos a partir de testemunhos orais, já que seus autores escrevem décadas ou séculos após os acontecimentos narrados. Enquanto resultado desta memória comunitária, os registros contidos no documento são testemunhos obviamente parciais. James G. Clark, editor da versão em inglês da fonte, argumenta que “o testemunho da GAMSA sobre os assuntos públicos da abadia não é confiável, mas é rico em *insights* sobre a vida interna e as perspectivas de uma grande casa monástica durante a segunda metade da Idade Média” (CLARK, 2019, p. 27, tradução nossa)¹. Neste sentido, o foco da pesquisa não foi acessar as revoltas em si, mas as interpretações tecidas sobre elas no texto da GAMSA.

Nos escritos referentes ao século XIV na GAMSA, foram encontradas menções aos eventos de peste, fenômenos naturais, milagres, guerras e pecados, mas nem todos foram relacionados às revoltas pelos autores. Não foram identificados episódios de fome, embora outras fontes indiquem que eles de fato ocorreram em St Albans em 1315 (TOEPFER, 2017, p. 91). A Grande Peste de 1348-49 é abordada em poucas páginas por Thomas Walsingham em seu registro sobre o abade Miguel de Mentmore, que faleceu devido à pestilência, assim como outros 47 monges do mosteiro (CLARK, 2019, p. 755-7). Quanto aos episódios de fenômenos naturais, cita-se como exemplo o incêndio do moinho de Redbourn, que teria sido agravado por ventos muito fortes vindos do oeste, durante a administração do abade João de Berkhamsted (CLARK, 2019, p. 568-9). Mais de uma menção a milagres foi registrada, mas não propriamente como causa de conflitos. Um exemplo é a narrativa de intervenção divina durante uma disputa pela propriedade de terras entre o abade Miguel de Mentmore e William atte Penn, em que Santo Albano teria milagrosamente salvado a vida de uma jovem da região e feito com que as testemunhas de William atte Penn desistissem de posicionar-se contra a igreja naquele dia (CLARK, 2019, p. 742-3).

A instabilidade política é a causa mais direta relacionada por Thomas Walsingham às revoltas camponesas. Os episódios de guerra abordados na fonte incluem tanto menções às guerras anglo-escocesas, que teriam diminuído a receita da abadia durante o tempo de Hugo de Eversden (CLARK, 2019, p. 622), quanto à guerra civil. Sobre os conflitos de 1326, ainda sob o abade Hugo, Walsingham escreve que a deposição do rei Eduardo II criou um estado de instabilidade no reino que teria permitido com que os habitantes de Londres se rebelassem contra seus senhores, motivando, assim, as rebeliões em St Albans (CLARK, 2019, p. 646-7). Ele afirma ainda que a continuação da guerra civil impediu que seu sucessor, o abade Ricardo de Wallingford, retomasse o controle de posses e liberdades

¹ “The Deeds' witness to the public affairs of the abbey is not reliable, but it is rich in insights into the internal life and outlook of a major house across the high and later Middle Ages”.

conquistadas de forma violenta pelos vilões² de St Albans (CLARK, 2019, p. 680). O autor também identifica a incidência de pecados como relacionada à insubordinação da população local. Após a conquista de cartas de liberdade sob o abade Hugo de Eversden, Walsingham afirma que fornicações, adultérios e outras violações de fé teriam se tornado generalizadas, com a população recusando-se a obedecer o abade até mesmo em questões espirituais (CLARK, 2019, p. 694). Em relação à Revolta Camponesa de 1381, o autor concede mais uma justificativa para a motivação dos revoltosos. Ele afirma que a população estaria acreditando em mentiras promovidas pelos anciãos da cidade, sobre direitos e liberdades concedidos a eles pelo Rei Offa, no século VIII (CLARK, 2019, p. 877). A narrativa sobre antigas cartas de liberdades apareceu mais de uma vez na GAMSA, sendo consideradas pelos autores como falsas.

A partir da leitura da fonte, constatou-se que as revoltas populares descritas por Thomas Walsingham no século XIV relacionavam-se em sua maioria à questão da moagem de grãos. A origem destas disputas remonta, no documento, ao século anterior, durante a administração do abade Roger de Norton (1263–1291). No tempo do abade Hugo de Eversden (1308-1327), os conflitos retornaram na forma de resistência armada e resultaram na concessão de cartas de liberdades aos então burgueses de St Albans. Alguns anos mais tarde, já sob o abade Ricardo de Wallingford (1327-1335), essas cartas foram novamente recuperadas pelo monastério; além de devolvê-las, os vilões também tiveram confiscados seus moinhos manuais, considerados ilegais, e cujas pedras foram colocadas em exibição no mosteiro de St Albans. Décadas depois, em junho de 1381, em meio às revoltas que aconteciam em diversas partes da Inglaterra, um grupo de habitantes da cidade de St Albans invadiu o claustro para remover essas mesmas pedras de moinho que se encontravam no chão do parlatório. Os rebeldes levaram essas pedras para a presença dos demais e, em uma cerimônia pública, as quebraram em pedaços. Distribuíram então um pedaço para cada pessoa aliada à causa, assim como, durante a missa, é costume partir o pão consagrado aos domingos. No ato performado pelos rebeldes, que emula a tradição da Igreja Católica, as pedras de moinho fizeram o papel do pão em uma demonstração de unidade e comunhão. Esta substituição é emblemática, pois representa uma vitória dos vilões sobre a Abadia de St Albans durante a Revolta Camponesa de 1381.

Chama a atenção que a questão da moagem de grãos tenha retornado diversas vezes no decorrer da GAMSA e culminado numa espécie de “ápice” narrativo, ao menos no que se refere ao século XIV, que é a descrição da Revolta Camponesa de 1381. Talvez porque seu autor, Thomas Walsingham, viveu exatamente neste período e participou diretamente da resistência aos vilões, muitas páginas são dedicadas à narração desta revolta. A emblemática cerimônia de partilha da pedra de moinho, por sua vez, também sugere outros significados atribuídos às disputas sobre a moagem de grãos. Em uma primeira instância, a obrigatoriedade do uso das instalações e serviços do senhor, impostos à população

² Entende-se como “vilão” o habitante de uma vila, do latim *villanus* (termo original utilizado na fonte).

local, constituía-se como uma importante fonte do lucro senhorial. Essa utilização significava o pagamento de tributos adicionais sobre ela, o que gerava conflitos sobre temas como o direito à terra e à água, a posse de moinhos privados e a proporção de grãos moídos a ser paga ao proprietário dos moinhos (LUCAS, 2014, p. 3). Contudo, durante os conflitos, a questão da moagem de grãos não apareceu sozinha, sendo acompanhada pela busca por outras liberdades como a libertação de prisioneiros do mosteiro, a obtenção de direitos comuns de pesca, caça e falcoaria, e a quitação de dívidas judiciais. Adam Lucas (2014, p. 40) argumenta que as disputas sobre a liberdade de utilizar moinhos manuais foi um pretexto para queixas mais amplas contra a administração opressiva do poder eclesiástico. Desta forma, os moinhos não se caracterizavam apenas como fornecedores de grãos e receita para famílias senhoriais e camponesas, mas também assumiram um papel simbólico como emblemas do poder senhorial (LUCAS, 2014, p. 5).

CONCLUSÕES:

A partir da análise da GAMSA, foi possível pensar nas associações feitas por seus autores entre os episódios de revolta da população local e as crises do século XIV. Concluiu-se que, no documento, as relações mais diretas foram estabelecidas com os eventos de instabilidade política, em especial devido à guerra civil. A questão recorrente da disputa sobre os direitos de moagem de grãos pode indicar seu papel simbólico, como pretexto de outros descontentamentos por parte dos vilões não apenas de St Albans, como de outras regiões da Inglaterra que experienciaram movimentações revoltosas. Assim, a GAMSA oferece uma perspectiva sobre como a abadia de St Albans interpretou os desafios ao poder senhorial enfrentados durante o século XIV.

BIBLIOGRAFIA

CLARK, James G. (ed.). **The Deeds of the Abbots of St Albans**: Gesta Abbatum Monasterii Sancti Albani. Tradução: David Preest. Woodbridge: The Boydell Press, 2019.

LUCAS, Adam. **Ecclesiastical Lordship, Seigneurial Power and the Commercialization of Milling in Medieval England**. Londres e Nova York: Routledge, 2014.

RILEY, Henry Thomas (ed.). **Gesta Abbatum Monasterii Sancti Albani**: A Thoma Walsingham, Regnante Ricardo Secundo, Ejusdem Ecclesiae Praeentore, Compilata. Londres: Longmans, Green, Reader, and Dyer, 1867. 3 v.

TOEPFER, R. **The Abbey at St Albans and its relationship with its lordship in the Later Middle Ages**. University of Southampton, Doctoral Thesis, 2017.

VANDERPUTTEN, S. **Typology of medieval historiography reconsidered**: a social re-interpretation of monastic annals, chronicals and gesta. *Historical Social Research*, v. 26, n. 4, p. 141–178, 1 jan. 2001. p. 142.